

Capítulo 14

JALO E
MARINÊS

setembro, 2019

VOZES DA
AGRICULTURA
ecológica II

Laércio Meirelles





Jalo e MARINÊS



setembro, 2019

A história de Marinês e Jalo são como três histórias em uma. Sim, porque cada um deles tem trajetórias que mereceriam ser contadas em detalhes. Mas, em dado momento das suas vidas, ainda relativamente jovens, encontraram-se e suas sagas fizeram-se uma só. De todos modos, preciso relatar algo do que viveram quando ainda não haviam reconhecido um ao outro.

Marinês Riva nasceu no ano de 1967, em Marau, RS, município com uma marcante história de colonização indígena, invasão portuguesa, trânsito de tropeiros. E ainda disputas territoriais e massacres da população original, sendo o assassinato do cacique Maraú a mais conhecida. No início do século XX, recebeu uma tardia colonização Italiana.

Ela é filha de agricultores e, desde cedo, trabalhou nas atividades desenvolvidas pela família. Quando contava cinco anos de idade ocorreu um grande contratempo familiar. As terras que a família possuía em Marau foram entregues para pagar uma conta do hospital, consequência

de uma enfermidade do pai. Sem a terra, mudaram de município, foram trabalhar como arrendatários mais ao norte do Estado, em Entre Rios do Sul, onde plantavam soja, milho e feijão.

A nova vida não era exatamente fácil, seis irmãos, oito bocas para alimentar, do que colhiam ficavam apenas com a quarta parte. Era apenas uma safra por ano, o pouco dinheiro que ganhavam não permitia satisfazer algumas necessidades básicas.

- Trabalhávamos o dia inteiro, ano após ano, não sobrava nada. Não conseguíamos comprar uma muda de roupa.

Em dado momento, Marinês seguiu os passos da irmã e envolveu-se com a Pastoral da Juventude Rural – PJR. Essas reuniões ajudaram-na a construir sua concepção de mundo, a ver a situação da família como fruto de uma construção social com a qual ela não concordava. A partir do envolvimento com a PJR, conheceu o Partido dos Trabalhadores, o Movimento da Mulheres Trabalhadoras Rurais – MMTR, o Sindicato dos Trabalhadores Rurais – STR. Trabalhava na roça de dia e envolvia-se com essa militância social pela noite.

- Todas essas reuniões geravam muita inquietação. Passamos a ver as coisas como eram, comecei a perceber como muito injustas as condições de vida da minha família.

Em certa ocasião, a irmã da Marinês trabalhou como secretária no STR de Entre Rios do Sul, mas precisou deixar essa função. Marinês assumiu. Não se via em condições, havia estudado apenas



até a 5ª série, mas aceitou o desafio. Em 1992, exatamente através do STR, soube da Escola de Braga¹ e conseguiu matricular-se. Estudar um pouco mais era um desejo pessoal, uma possibilidade de abrir seus horizontes. Estudou em Braga de 1992 a 1994. Lá, conheceu o Movimentos dos Trabalhadores Rurais sem Terra - MST.

- *Quando conheci, me apaixonei – suas histórias, suas aspirações, as mobilizações, a luta. Tudo aquilo mexeu comigo.*

Em 1993, ainda estudando, soube que seria organizado um acampamento do MST em Lagoa Vermelha, nordeste gaúcho. Sentia necessidade de participar, dar sua parcela de contribuição à construção de um mundo mais equilibrado. Era movida também pelo sonho de conquistar uma terra própria. Avisou aos pais, que não gostaram da sua decisão, temerosos de ver a filha envolvida com aqueles baderneiros que eram mostrados pela televisão como uma ameaça à ordem pública. Teve que enfrentar o temor dos pais e os seus próprios medos.

Decidiu ir. Foi. Com 26 anos.

Marinês ficou acampada por três anos e sete meses. Dividia-se entre os estudos, o acampamento, visitas aos pais e um assentamento em Eldorado do Sul, onde fazia o seu tempo-comunidade, conforme sugere a pedagogia da alternância. Daqui a pouco vamos descobrir



¹ Em 1990 foi inaugurado, em Braga, Noroeste do RS, o Departamento de Educação Rural (DER) da Fundep - Fundação de Desenvolvimento, Educação e Pesquisa da Região Ceileiro. Esses espaços educacionais são fruto da interação de desejos e apoios de Movimentos Sociais, como MST, Comissão Regional de Atingidos por Barragens Crab; Movimento de Mulheres Camponesas, Movimento Indígena e de setores progressistas da Igreja Católica. Seguem em atividade, agora no município de Pontão, na estrutura montada na Fazenda Annoni para funcionamento do Cetap, Centro de Tecnologias Alternativas Populares.

por que ela viajava até Eldorado do Sul nos intervalos entre os períodos de escola.

A vida de acampamento não é exatamente fácil. Viviam sob lonas pretas, à beira da estrada, comida escassa, frio ou calor intensos, chuva molhada, vigiados permanentemente por policiais militares.

Não posso deixar de dizer que 13 alunos foram para o acampamento, 12 desistiram, apenas uma perseverou até o fim.

Em 1994, passou pelo momento mais difícil. Uma força militar foi destacada para retirá-los do local.

Tentaram resistir... Mas como? Tinham alguns cassetetes, feitos por eles próprios, e suas ferramentas de trabalho. A força de desocupação agiu com severidade, obviamente muito bem preparados. Policiais, armas, cavalos, cachorros. Helicópteros sobrevoando a área aumentava a sensação de medo. As pessoas se dispersaram, tiveram seus barracos destruídos, muitas foram levadas para escolas, salões paroquiais e outros lugares disponíveis. Por mais de uma semana, não entrava nem saía ninguém do acampamento. Um grupo, no qual Marinês estava, ficou sitiado naquele espaço, completamente isolado, sem comida.

- Foi muito triste. Destruíram até nosso barraco de alimentação onde, todos os dias, era feita a partilha do pão disponível. Passamos fome, muita fome. Comíamos broto de árvore, broto de grama, o que a natureza nos desse.

Marinês transporta-se nos anos e parece reviver outra vez a emoção que sentiu naqueles dias. Chora. Conta que naqueles momentos, por muitas vezes, sonhava, não sabe bem se dormindo ou acordada, com a casa dos pais e o cheiro de pão fresco fazia-se presente. Pensava no pai e na mãe, em como eles se sentiriam se soubessem da situação em que estava a filha e que, com certeza, fariam algo, não permitiriam que ela passasse o que estava passando. Ao mesmo tempo, pensava que voltar atrás, viver a mesma vida de

antes, trabalhar para ficar com 1/4 da produção não seria solução, não valeria a pena. Ela segue contando, ainda emocionada:

- Teve um momento particularmente forte. Uma noite, éramos sete ou oito pessoas, fizemos uma oração coletiva. Naquele instante, nos demos as mãos. Eu peguei a palavra e disse que, se conquistássemos a terra, se pudéssemos ter um local para plantar, deveríamos nos prometer que trabalharíamos com muito amor e teríamos o melhor pão do mundo.

Ela não sabia, ninguém ali sabia, mas Marinês ainda teria a oportunidade de cumprir com aquela promessa.

Agora, voltamos um pouco no tempo. E o Jalo, como entra nessa história?

José Mariano Matias, o Jalo, é de Erval Grande, município da região noroeste do Rio Grande do Sul. Seus pais possuíam meia colônia² de terra. Assim como na família da Marinês, seis filhos. A área possuía uma topografia acidentada, não era muito produtiva. Seria difícil que pudesse sustentar a todos em idade adulta, muito menos permitir que constituíssem família com o que dela pudessem tirar.

- Era um trabalho complicado, plantávamos à tiro e colhíamos à laço... Com dezoito anos fui servir no quartel, voltei sem saber onde iria me alinhar na terra.

Procurando o que fazer, buscando seu lugar, participou de várias reuniões da PJR. Também começou a frequentar os cursos do STR em Erval Grande. Em uma dessas reuniões, ouviu falar da



² Medida de área, que faz referência ao terreno doado pelo Estado aos imigrantes, muito utilizada no RS e em SC. Normalmente equivalente a 250 mil metros quadrados, ou 25 hectares.

Fazenda Annoni³, da luta por reforma agrária, do MST. Em 1988 foi, em um grupo de quinze jovens, conhecer o primeiro assentamento do MST no RS, berço da história do movimento.

- O pessoal da fazenda Annoni nos contou sua história de luta, os desafios, a conquista da terra. Um ano depois, eu já era parte do MST e fui acampar em Cruz Alta. Éramos 1800 famílias, um dos maiores acampamentos que já ocorreu no Estado.

A desapropriação não saiu, não conquistaram o objetivo. Jalo não desistiu, no fim de 1990 seguiu com um grupo para Hulha Negra, município localizado no sudoeste do RS. O acampamento ficava a 60 quilômetros de Bagé, município referência na região.

Nesse novo local a situação era ainda mais extrema, pelas distâncias. A vida nas lonas era muito difícil. Dormiam em tarimbas, expressão curiosamente originada das desconfortáveis camas dos quartos, feitas com bambu e cipó, tendo palha e pano como colchão. Além da cama, sobre o chão batido um fogão improvisado, apenas uma chapa sobre um buraco de barro. Luz elétrica não existia, na melhor das hipóteses, usavam um lampião à óleo de cozinha. Normalmente apenas velas ou apenas encharcavam um pedaço de taquara com banha e colocavam fogo, a luz vinha acompanhada da fumaça.

As roupas eram lavadas em algum rio ou açude. Para secar, penduradas em cipós. Necessitavam caminhar 5 quilômetros para buscar água de melhor qualidade para beber. Passaram muita



³ Refere-se aos assentados na Fazenda da família Annoni, uma área improdutiva de 9 mil hectares, que no dia 29 de outubro de 1985 foi palco da primeira ocupação do nascente MST no Rio Grande do Sul. Hoje, mais de 400 famílias agricultoras, assentadas, vivem na área, localizada no município de Pontão.

fome, era comum que a comida fosse impedida de chegar até os acampados.

A polícia os vigiava 24 horas, nunca tinham certeza de quando poderia vir uma desocupação. Tinham seu próprio esquema de segurança, organizado por eles mesmos, mas a insegurança era companhia diária.

Pergunto pela sensação de viver assim, dia após dia:

- Difícil, tem que ter muita determinação. Foram quase dois anos. Até sopa de broto de grama fizemos. Certa ocasião, tínhamos uma abóbora. Fizemos uma sopa para as crianças comerem, os adultos ficaram com o caldo que sobrou. Mesmo com essas atitudes, perdemos 12 crianças desnutridas. Foi muito duro. Acabamos decidindo sair de lá e viemos caminhando até Porto Alegre, para exigir que as autoridades resolvessem nossa situação.

Caminhando? São 450 quilômetros!

Pois caminharam:

- Saímos de Hulha Negra, éramos mil pessoas. Ao longo do caminho, outros foram juntando-se, muitos por solidariedade. Eu era solteiro, levava crianças dos outros no colo, ajudava a lavar roupa. Dormíamos em barracas, caminhávamos 30 a 40 quilômetros por dia. Perto da chegada, uns dias antes, éramos 10 mil. Nos encontramos no laçador, fomos até o centro, a concentração já era de 30 mil pessoas. Olívio Dutra era o prefeito, nos recebeu e nos deu a chave da cidade.

O então Governador Collares também foi sensibilizado, prometeu assentar aquelas famílias em áreas do Estado. Cinco locais foram destinados a esses assentamentos. Nesse momento, a sorte sorriu para o Jalo. Em dezembro de 1991 foi sorteado para ganhar um lote na área onde permanece até hoje, em Eldorado do Sul, há apenas 20 quilômetros de Porto Alegre.

Notícia boa, muito boa, mas que não significou o fim das dificuldades:

- Cheguei aqui com uma mochila de roupas e um colchão enrolado com a lona preta.

Antes de falar sobre como a vida do Jalo prosseguiu no seu lote de terra, vamos juntar essas histórias. Ou melhor, contar como a vida os juntou.

Simples. Jalo, no final de 1991, resolveu voltar a estudar. Onde? Em Braga. Foram da mesma turma.

O namoro veio logo. Foi amor à quinta vista... isso porque, anos mais tarde, a irmã da Marinês, aquela mesma que trabalhou no STR de Entre Rios, descobriu quatro fotos onde os dois, Jalo e Marinês, estão nas mesmas cenas, próximos, algumas vezes muito próximos. Mas só se viram em Braga.

O destino só foi bem sucedido na quinta tentativa.

Pronto, descobrimos por que Marinês dividia-se entre Lagoa Vermelha e Eldorado do Sul, em seu tempo-comunidade, enquanto estudava em Braga.

Marinês:

- Vinha aqui para fazer meus estágios.

Pergunto a Maria, filha caçula, que junto com seu irmão Gabriel acompanha toda a conversa, se ela acredita que foi mesmo pelos estágios que a mãe vinha a Eldorado. Sorrimos todos.

Quando terminou de estudar, Marinês começou a trabalhar em outra escola do MST, em Veranópolis, como apoio pedagógico. Dividia-se entre Veranópolis, Eldorado e Joia. Sim, não contei ainda, mas em 1995 ela teve recompensada sua luta, foi assentada em uma terra em Joia, Noroeste do Estado, junto com outras 398 famílias.

Em 1997, casaram-se e Marinês fixou residência junto com o Jalo em Eldorado. O lote que ela havia conquistado em Joia foi destinado para outra família.

Mas, como vimos, desde 1992 apoiou e participou dos esforços para sobreviverem naquela área em que Jalo começava uma nova vida. Agora, em terra própria, tudo resolvido.

Não, nada resolvido.

Como dissemos, chegou com uma mochila, um colchão e uma lona preta. A área, completamente degradada. Gramíneas ralas a habitavam. Alguns eucaliptos, nenhuma outra árvore. Não tinha luz, não tinha água, nenhuma infraestrutura. Mosquitos sim, havia muitos. Continuavam a viver em barracos de lona, dependendo de comidas que traziam da casa dos pais ou de algumas doações.

- Mesmo com o documento de posse, o antigo arrendatário da terra resistiu muito. Bloquearam o uso da área, tínhamos só uma hortinha ao lado de casa. Foram dois anos com muitos conflitos. Depois passamos a ter mais acesso qa terra, uma primeira atividade foi uma horta comunitária para subsistência. Nem pensar em dinheiro para adubo ou veneno, juntávamos algumas palhas e esterco de vacas para fertilizar a terra. Éramos ecológicos por falta de dinheiro!

Inês:

- O assentamento em Joia foi pelo Incra, tinha certa estrutura, uma casinha, um recurso para fomento. Juntamos algumas famílias e compramos máquinas para plantar milho, soja, feijão. Eu saí de Joia e vim para cá, voltei a morar em barraco e até a passar fome.

Eram agricultores, sabiam trabalhar a terra. Mas não sabiam como recuperar um solo muito degradado, raso, mal drenado nos períodos de chuva.

Com a orientação que receberam, fizeram um empréstimo. Subsidiado, mas deveriam pagar a metade do valor que acessassem. Plantaram milho e feijão. Acompanhado do pacote de quase sempre... sementes híbridas, calcário, NPK. Herbicida não, deviam economizar o escasso dinheiro, limpavam na enxada. Espalhavam calcário à mão, para não gastar com horas-máquina. Jalo:

- Todas as famílias fizeram o mesmo: pegaram crédito, usaram insumos, as notas fiscais deveriam ser apresentadas ao banco. Trabalhamos muito. Mas, quando o milho queria pendoar e o feijão

colocar as cordas, veio uma enchente, as lavouras ficaram embaixo d'água por 2 semanas. Perdemos tudo. Das oitenta famílias, oito foram embora.

A esperança de uma vida melhor não se concretizou. À vida em barraco de lona e visitas esporádicas da fome, juntou-se uma dívida no banco. Renegociaram a dívida, mas tinham que pagar. Até para acessar outros créditos.

A solução encontrada foi as mulheres do assentamento buscarem trabalho de faxineira em Porto Alegre.

Viram que não seria possível viver de milho e feijão e, após reuniões internas e (des)orientações técnicas, optaram por viver de leite. De novo projeto, banco, empréstimo. Sou obrigado a rir quando o Jalo relembra:

- Chegaram vacas aqui, holandesas, produzindo trinta litros de leite por dia. Foi só fazer a conta: vamos vender tanto, ganhar tanto, tudo resolvido. Mas, Laércio, as vacas não sabiam que iriam viver no banhado e comer capim annoni⁴. Emagreceram, não tínhamos dinheiro para ração, diminuiu o leite.

De novo, o velho fracasso.

Marinês:

- Nos perguntávamos: será que vamos, algum dia, sair dessa condição?

Exatamente nesse momento, quando o desânimo queria fazer morada, chegou para eles um apoio que consideraram fundamental. Parece que o casal havia passado os testes propostos pela vida,

⁴ Capim annoni (*Eragrostis plana* Nees) é uma gramínea da família Poaceae. Originária da África do Sul, é encontrada principalmente, mas não apenas, no Rio Grande do Sul.



tempos de bonança estavam no horizonte. Mas, ainda teriam que trabalhar muito para ver esse tempo chegar.

Uma das ONGs que apoiaram grupos de agricultores ecologistas no Rio Grande do Sul foi a Fundação Gaia⁵. Jalo e Marinês contam que Lutzenberger, mentor e diretor da Fundação, soube que havia em Eldorado um grupo de assentados que estavam com dificuldades em se viabilizar. Inês:

- Eles vieram aqui oferecer um trabalho de educação ambiental. Aceitamos, não era exatamente o que precisávamos, mas aceitamos. Os técnicos logo perceberam que o problema aqui era ambiental, mas era também de fome.

Jalo complementa:

- Éramos todos elegantes aqui – magros, de fome!

Vendo a situação, os técnicos da Fundação conseguiram um apoio para que os assentados desenvolvessem uma horta. Envolveria recursos a fundo perdido para estufas, sementes, ferramentas. A partir desse trabalho de orientação técnica da Fundação Gaia, a situação econômica de algumas famílias começou a melhorar. Foram quatro famílias que embarcaram de verdade no bote salva-vidas proposto pela Fundação. Jalo:

- Outros companheiros nos ironizavam, a verdade é que nos apelidavam de “ecológicos”. Para piorar, deixamos de comer carne.

Ele completa, sorrindo:

- Primeiro porque não tinha, depois viramos vegetarianos.

Ouçó do casal que o próprio Lutzenberger esteve com eles



⁵ Maiores informações no site Fundação Gaia – Legado Lutzenberger:
www.fgaia.org.br

muitas vezes. Que privilégio, digo eu, eles concordam. Caminhava pela área e mostrava o que havia de bom na terra, reconhecia plantas indicadoras, ensinava a fazer composto com a enorme quantidade de aguapé que estava disponível. Ensinou a fazer composto, minhocário e, principalmente, a mudar suas perspectivas.

- Lutzenberger nos ensinou a ver o que não víamos, a identificar os recursos naturais que tínhamos à disposição, a valorizar nosso espaço. Foi muito importante!

Fazem questão de dizer que a forma humana que a equipe técnica da Fundação os tratava foi fundamental. Citam nominalmente meus amigos Ricardo Schmitz e Deniandro Rocha. Sentiram-se acolhidos, percebiam que, de fato, agora havia técnicos que queriam ver o assentamento dar certo. Fizeram vários intercâmbios com grupos mais antigos de agricultores ecologistas. Recordam-se de um curso na Fundação Gaia:

- Trazíamos semente daqui, rama de mandioca dali, até um porco do Rincão Gaia trouxemos, dentro do carro, para melhorar a genética dos nossos.

A horta deu certo, as famílias começaram a produzir bem, sobrou para vender de porta em porta, na própria cidade. Lida feita de charrete.

- Laércio, sabe aquelas vacas? As filhas nasceram aqui, aprenderam desde cedo a comerannoni, algo de leite sobrava para também vender.

Em 1995, a Coopael - Cooperativa de Produção Agropecuária Eldorado, é convidada pela Cooperativa Ecológica Coolméia a participar da Feira dos Agricultores Ecologistas – FAE em Porto Alegre. As quatro famílias que trabalhavam na horta eram sócias da Coopael, o trabalho coletivo sempre foi um valor muito presente nos assentamentos rurais, principalmente naqueles vinculados ao MST.

A partir daí, o ciclo na horta foi sempre ascendente, produção cada vez melhor, vendas cada vez maiores.

Nesse momento da conversa, saímos todos da mesa onde conversávamos, vou visitar a horta com eles. O trabalho nesse espaço há muito tempo já não é mais coletivo. Os anos de aprendizado demonstraram que na produção é mais conveniente que cada um cuide de sua área. Entro no espaço que é da família, passando por plantas com flores, dois pés de quebra-tudo e arrudas. Segundo Gabriel, para evitar energias negativas. Ouço Marinês dizer:

- Este é nosso portal de entrada. Sinta-se acolhido pelos duendes, fadas e gnomos que trabalham e zelam por esse espaço conosco.

Fico impressionado. Uma das coisas que mais fiz na vida foi visitar hortas orgânicas. Raramente vi uma tão bonita. Plantas vigorosas, sadias, muitas espécies, consorciadas ou no mesmo canteiro. O verde e a sanidade das folhas anunciam que elas estão encontrando no ambiente o que necessitam.

Além do comumente visto, como cenoura, brócolis ou beterraba, vejo hortaliças menos usuais, como mostarda peruana, nirá, uma folhosa chamada bok choy (também denominada acelga chinesa), horens (espinafre japonês) e uma couve de folhas enrugadas, chamada kalle. Não vou listar outras aqui, afinal são cerca de 100 espécies ao longo do ano.

Algumas sementes foram dadas por consumidores, alguns orientais, que querem ver no prato os vegetais que apreciam. Gabriel conta a história do nirá. Segundo ele, essa variedade a sua avó levou no enxoval quando casou-se com o avô. Quando a mãe veio para Eldorado, trouxe junto esse tempero, que já virou marca da família.

E ainda vendem uma enorme variedade de Pangs – Plantas Alimentícias Não Convencionais, como caruaru, beldroega, serralha, ora-pro-nóbis, azedinha, bertalha, inhame e muito mais.

Fico realmente intrigado com o vigor das plantas. Quero saber um pouco mais. Inês conta que todo o trabalho no canteiro é manual:

- Dá muita dó usar máquina. Tem gente morando aí. Mesmo

a enxada, fico com pena de cortar a terra.

Converso com eles sobre o manejo nos canteiros. Tentam manter o solo coberto o máximo que podem. Capinam os cultivos só o tanto que julgam necessário, não os deixando totalmente limpos. As plantas nativas que vierem em um ciclo de produção, após a colheita, viram adubo. As partes mais macias, de fácil decomposição, ficam no próprio solo, as partes mais lignosas são amontoadas em um pedaço do próprio canteiro ou em uma pilha de composto.

Jalo conta que sempre usaram muito composto, mas, a partir do uso dos preparados biodinâmicos, sobre as pilhas, a cada ano diminuem as quantidades, calculam que hoje usam a metade do que já usaram.

Pulverizam, para proteger os cultivos, caldas de plantas que eles mesmo cultivam. Gabriel me explica uma das fórmulas:

- Alecrim, manjerição, citronela, arruda mergulhados na água. Deixa cinco dias fermentando. O caldo dá um aroma forte, misturamos meio a meio com água e pulverizamos.

Jalo fala dos preparados biodinâmicos:

- Usamos vários, dentre eles o 501, chamado chifre-sílica, além do chifre-esterco (500) no composto.

Gabriel complementa:

- Essa é parte das bruxarias que usamos, tem mais...

Fico intrigado com a disposição visual das plantas. Além de sadias e vigorosas, o desenho da área é muito bonito. Ao lado dos valos de drenagem, vejo bananeiras e vegetação nativa. Espalhadas na área, mamoeiro, goiabeira, amoreira. Em um mesmo canteiro duas, três, quatro espécies, cada uma ocupando dois ou três metros. Algumas consorciadas. Pergunto e me respondem que fazem rotação de culturas. Fico intrigado:

- Mas como vocês definem o que vai onde?

Marinês:

- Eu decido. Sabemos o que devemos plantar a cada semana, eu olho um espaço e digo, tal cultura vai aqui. Sei se ela vai se dar bem ali ou não.

Vou repetir que a sanidade das plantas impressiona. Folhas fortes, diferentes tons de verde, visual tão saudável quanto agradável. Mesmo com tudo que ouvi sobre o manejo, quase parece não ser explicação suficiente para tanto pujança, em um solo que não se notabiliza pela fertilidade natural. Especulo um pouco mais, vou percebendo que além do manejo muito bem informado na arte da Agricultura Ecológica, existem outros elementos que são cultivados pela família. Hábitos e crenças que, a matriarca não tem dúvida, são decisivos para o bom resultado:

- Ano passado deu uma doença na salsa. Achei que estava tudo equilibrado, não sabia o que fazer, pedi ajuda aos duendes, aos gnomos e às fadas. Parece coisa de criança? Não quero nem saber, eu acredito neles.

Tem mais. Ali mesmo, na horta, sou apresentado a um lugar, um pequeno espaço, relativamente protegido, cercado de pequenas árvores, o qual denominam de Cantinho da Contemplação. É a deferência com que mostram o local que me faz escrever seu nome com maiúscula.

Todos os dias, no fim da tarde, fazem um pequena cerimônia, muitas vezes acompanhada do fogo. Por vezes os quatro, outras só um ou dois deles. Sempre fizeram. Marinês conta que quando os filhos eram crianças, faziam uma caminha para eles com a palhada do milho ou de outras plantas.

- Sabe, Laércio, lá no acampamento, nos momentos mais difíceis, com fome e medo, às vezes frio, o fogo nunca nos faltou. Foi sempre nosso companheiro, por isso mantemos essa tradição familiar, de orar, ou contemplar, ao redor do fogo.

Marinês conta que teve uma bisavó indígena, envolvido em lutas pela terra, recordo-me do pouco que li sobre o Cacique Maraú.

Depois fala do seu tataravô italiano, que foi uma liderança na luta pela terra na Itália. Os três filhos dele ficaram órfãos, vieram para Bento Gonçalves:

- Laércio, olha quantas gerações para conquistar a terra. Finalmente eu e Jalo conseguimos. Por isso nosso respeito por ela, queremos guardá-la para muitas gerações mais.

É...

Tenho que voltar um pouco no tempo dessa narrativa. A presença da Fundação Gaia não foi importante apenas no apoio ao desenvolvimento da horta. Eles colaboraram também em um sonho acalentado pela Marinês desde aquela noite quando orou com suas amigas, sitiada pela polícia, no acampamento e com fome. Naquele instante que prometeram-se, se um dia tivessem uma terra, fariam o melhor pão do mundo.

Em dado momento, já em Eldorado do Sul, em uma reunião de um grupo de mulheres do assentamento, Marinês comentou sobre esse desejo, sobre esse momento. Ela já fazia pão caseiro para vender nas casas onde fazia faxina. O grupo de mulheres agasalhou a ideia, a Fundação Gaia apoiou, começaram a fazer pães, assando na casa das poucas famílias que tinham fogão a gás.

Mas... não tinham fôrmas. Dinheiro para comprar? Jalo:

- Eu ia na cidade e catava latas de óleo de milho, que eram quadradas, cortava e fazia nossas fôrmas.

Depois, com apoio da Fundação, construíram um pequeno forno de barro. O material?

- Fomos de novo ao lixo urbano. Achamos tijolos, telhas, madeiras, latão para cobertura do forno. A Fundação, de novo, nos apoiou com o que faltou.

Foi o máximo, puderam aumentar a produção, amassavam em casa, cozinhavam em conjunto.

Assim caminhavam. A Fundação Gaia fornecia a farinha. O fermento era caseiro. Não tinham dinheiro para leite, ovos ou gordura.

Como a ideia era ter o melhor pão do mundo, Marinês procurava a biblioteca da Emater, em Porto Alegre, para estudar. Passava horas lendo sobre pão, ingredientes, propriedades da linhaça, da castanha ou do gergelim. Lia e aplicava. Marinês foi aprendendo, foi inventando receitas, umas funcionaram melhor que outras:

- *Temos excelentes produtos sem gordura, leite ou ovos. Eu nem sabia, mas estava desenvolvendo receitas veganas.*

Interessante, o que foi gerado na escassez se manteve mesmo na abundância. Para substituir o dinheiro que não tinha, buscou informação.

A Cooperativa Pão na Terra, originalmente Grupo de Mulheres Pão na Terra, é uma potência. Tem uma bela agroindústria, construída em 2014 com recursos da Fundação Banco do Brasil. Entre cooperados e funcionários são 22 pessoas trabalhando. Tem uma linha de mais com 50 produtos na padaria, tudo desenvolvido por eles. Grãos integrais, pão sem açúcar, linha para celíacos. Tudo orgânico.

Mesmo sem provar, quem duvida que é o melhor pão do mundo?

Vendem em vários locais, mas, principalmente, nas feiras que participam em Porto Alegre. Começaram também na FAE, em 1997, dois anos após a Coopael iniciar a venda de hortaliças.



Hoje, a família e a padaria participam das seguintes feiras: Na terça, no restaurante Urban, em Porto Alegre, levando pães e hortaliças. Na quarta, com pães na Feira da Assembleia Legislativa e com hortaliças e pães na Feira Ecológica do Menino Deus e na Feira de Eldorado do Sul. Na quinta, no Shopping Total e na Feira do IPA, com pães e hortaliças. Ainda na quinta, fazem a Feira da João XXIII e do Shopping Praia de Belas, apenas com pães. No sábado, com hortaliças e pães, na FAE e na Feira de Três Figueiras. Ufa!

São membros de uma CSA⁶, Comunidade Sustentando a Agricultura, já há alguns anos. Todos os sábados entregam cerca de 20 cestas, sempre com oito produtos, a coprodutores de Porto Alegre.

Não posso deixar de mencionar um pouco sobre os filhos que, apesar de jovens, com suas boas conversas, histórias e percepções, mereceriam um texto à parte

Maria Eduarda nasceu em 2003. Estudou no assentamento até o primeiro ano, hoje estuda na escola pública em Eldorado. Ela conta que já teve outros sonhos, mas agora sente-se segura que quer seguir onde está, no assentamento e sendo agricultora. Quem sabe, estudar um pouco mais sobre a agroecologia. Mesmo no pouco tempo que converso com ela, posso ver que herdou dos pais a indignação com o que não está certo, o desejo de agir



⁶ Segundo o site www.csabrasil.org, CSA é um modelo de trabalho conjunto entre produtores orgânicos e consumidores: um grupo fixo de consumidores se compromete por um ano a cobrir o orçamento anual da produção agrícola. Em contrapartida os consumidores recebem os alimentos produzidos pelo sítio sem custos adicionais. Desta forma o produtor, sem a pressão do mercado e preço, pode se dedicar de forma livre a sua produção. E os consumidores recebem produtos de qualidade, sabendo quem os produz e onde são produzidos.

por mudanças. Já participou de grêmio estudantil, fez passeatas na luta por melhores condições de transporte e teve sua dose de enfrentamento com a polícia. Pela tarde, quando pode, trabalha na horta. Nas quartas e sábado, vai para a feira em Porto Alegre. Mesmo aos dezesseis, é da equipe de um curso intitulado Ser Integral, ministrado pela Rafinha⁷, por sinal madrinha da Maria. Nessa atividade, Maria é responsável por falar sobre Agroecologia e sobre o MST, além de colaborar no preparo da alimentação, toda vegetariana, e ser da equipe de animação.

E ainda é musicista:

- Comecei com flauta doce, depois violino, teclado e piano, tocando clássicos como Bach e Chopin. Mas agora gosto mesmo é do violão!

Gabriel nasceu em 1999. Já terminou o Ensino Médio, agora faz um curso ligado à Agricultura Biodinâmica. Gabriel tem um ar zen, de quem está de boa com o que faz, com o lugar onde está. Pergunto, ouço:

- Já tive momentos de pensar se era isso mesmo que eu queria, acho que faz parte de se encontrar ter esses questionamentos. Hoje gosto muito de estar na horta. No fim do dia, estar por ali, pensar um pouco, ouvir a calmaria. Às vezes, fazemos uma



⁶ Sobre a Rafinha, deixo que ela mesma conte: “me nasceram em Uruguaiana, em 1945, mas aos treze anos fui para o convento. Fiquei até os trinta, depois me larguei no mundo. Seguindo a teologia da libertação, fui morar nas favelas. Depois me dediquei ao MMC e fiquei trabalhando com saúde, após de me curar de dois cânceres. E agora somos Bruxinhas de Deus, espalhadas por toda parte. Continuo trabalhando pela formação, não só ensinando a fazer remédio, mas a formação do Ser Integral - mentes, emoções, corpo e espírito!” Rafinha fala emocionada sobre ter Maria, sua afilhada, como uma das coordenadoras do curso...

fogueira perto de casa.

Conta que é muito ligado à espiritualidade, que no seu caso expressa-se, principalmente, na contemplação da natureza. E, também, na sua relação com a floresta, com a terra, com a produção de alimentos, com as ervas medicinais, com os seres elementais da criação.

Comento com o casal que posso imaginar a alegria deles em viverem onde vivem, entre árvores por eles semeadas, entre pássaros por eles convidados. Por terem conquistado o que conquistaram, por terem superado momentos amargos para agora colherem o doce. Marinês:

- Sim, da “falta” para a fartura foi muito luta... Mas fomos totalmente recompensados!

Quando começo a despedir-me da família já é noite. A conversa foi longa, não pude traduzir nesse texto a força do que ouvi. Tampouco a emoção que senti ao ver a emoção deles em reviver suas trajetórias. Jalo pede aos filhos que cantem uma música para nos despedirmos. Gabriel pega o violão. Cantam juntos Almir Sater: “ando devagar, porque já tive pressa e levo esse sorriso, porque já chorei demais...”.

Depois Maria, que veio a esse mundo recheada de dons musicais, canta uma canção acompanhada de toda família. Uma música muito cara aos movimentos sociais do campo, de autoria do Zé Pinto. Deixo o início dessa canção aqui, como uma espécie de síntese dos frutos da luta da Marinês e do Jalo, do Gabriel e da Maria: “arroz deu cacho e o feijão floriô, milho na palha, coração cheio de amor...”.

Entro no carro, em certo enlevo pela conversa, pela horta, pelo mundo. Enquanto como um biscoito integral que ganhei, um primo próximo do melhor pão do mundo, pego-me ainda cantarolando: “Cada um de nós compõe a sua história, cada ser em si carrega o dom de ser capaz e ser feliz...”.

,

